

as instalações dos correios e a escola. Um pouco mais longé ficam as zonas comerciais, lojas, restaurantes, armazéns e duas cooperativas (uma que confecciona roupas e outra pão).

E que se passa com a RNM?

Na cidade em si nada se nota, mas toda a gente fala da RNM. Durante os dois dias e meio que passámos em Mabote, pudemos aperceber-nos dum profundo ódio aos bandidos. As atrocidades perpetradas por eles estão gravadas nas mentes de toda a gente e muitos dos habitantes locais experimentaram directamente o selvagem comportamento dos *blangueti* (bandidos na linguagem local).

No entanto, os *blangueti* actuam numa posição de debilidade e não de força. Sofreram um golpe importante em Dezembro passado, quando as Forças Armadas Moçambicanas (FPLM) capturaram a sua base principal em Garagua, na província de Manica, a 150 quilómetros a noroeste de Mabote. Os bandos, que fugiram em debandada, mudaram-se para Este, internando-se na província de Sofala e, ao Sul, em Inhambane e Gaza. Lá continuam a atacar os camponeses desarmados, as lojas locais, as aldeias comunais e, em especial, os membros das células do Partido FRELIMO, assim como as organizações políticas rurais, por exemplo, os Grupos Dinamizadores.

Mas um ataque contra a própria cidade de Mabote não se põe nem como possibilidade remota. O capitão João Casse, comandante de Mabote, disse-nos: «Os bandidos nunca tentaram atacar lugares onde existe guarnição das FPLM ou onde haja um forte contingente de milícia. Procuram objectivos disseminados, aldeãos que não estão adequadamente organizados, para os assassinar e roubar. Roubam os pertences dos camponeses, que tanto esforço e sacrifício lhes custam».

Alguns grupos do RNM em Inhambane parecem tentar mover-se para o sul, para restabelecerem contactos com os seus pa-

MOÇAMBIQUE

Prisma no. 21 Out. '82

Golpe por golpe

CONTRA-REVOLUCIONÁRIO DETIDO CONFIRMA APOIO DA ÁFRICA DO SUL

Texto e fotografias de LUÍS LEMOS (AIM)

▼ Mabote é uma pequena cidade situada no noroeste da província moçambicana de Inhambane, a 90 quilómetros ao sul do rio Save. Até há pouco tempo muita pouca gente em Moçambique e muito menos no exterior sabia da existência dessa cidade.

À medida que nos afastamos da costa, a vegetação vai mudando. Uma paisagem verde e fértil dá lugar a outra, pedregosa e árida. Nas poucas aldeias por que passámos, a situação era desoladora. Nos campos, viam-se milho e sorgo completamente murchos. Até a juca, apesar da sua resistência, sucumbiu à seca nalguns locais.

«Como vê, não são só os bandidos que nos acarretam problemas», afirma um dos soldados que nos acompanha. «As pessoas que vivem nas zonas mais remotas têm que andar vários quilómetros para encontrar água». Posteriormente, dir-nos-iam que há dois anos que não chove regularmente na região.

Mas para agravar as coisas, os bandos da auto-denominada Resistência Nacional Moçambicana (RNM) atacam as aldeias, roubam até o pouco que os camponeses conseguiram salvar das colheitas afectadas.

Chegámos a Mabote quase ao cair da noite, para encontrar outra mudança no panorama. Aqui, o milho está bom e vemos campos recém-semeados de ambos os lados da estrada, testemunho de que nesta zona a dura luta contra a natureza, apesar de todas as dificuldades, dá os seus frutos.

Surpreende-nos agradavelmente a atitude calma e a tranquilidade da gente que encon-

tramos. Não há sinais de tensão. Toda a gente cumprimenta e os olhares são amistosos, mas também interrogativos: não vêem muita gente estranha por aqui. As crianças aproximam-se do camião timidamente e fazem comentários sobre o emblema de *Rádio Moçambique* pintado num dos lados.

Pensando bem, Mabote não faz grande diferença das outras terras de Moçambique. Há uma grande praça central onde se encontram os edifícios da administração, o hospital,

Treino militar



VENCER O AGRESSOR

trões sul-africanos. Isso significaria a infiltração através de Gaza, dirigindo-se depois para as zonas escassamente povoadas que ficam próximo da fronteira com o Transval oriental. A estratégia das FPLM, que estão conscientes disso, consiste em rodear os bandos e cortar-lhes esse movimento.

► O POVO DEVOLVE OS ATAQUES

Quando o presidente Samora Machel visitou Inhambane em finais de Fevereiro, em todos os comícios em que falou a população local pediu armas para se defender da RNM. O distrito de Govuro, onde fica situada Mabote, não foi excepção. O presidente acedeu prontamente a essa solicitação. De acordo com as suas intenções, o exército e as autoridades locais começaram agora a treinar e a armar voluntários para integrar as milícias. E já há centenas delas.

No segundo dia da minha visita a Mabote, encontrei, por acaso, os milicianos que se dirigiam para o campo de treino e acompanhei-os. Havia entre eles quer homens quer mulheres e as suas idades oscilavam entre os 20 e os 50 anos. Observei como realizavam uma série de exercícios militares sob o olhar vigilante e a voz de comando de um instrutor do exército.

O treino é duro: espera-se que os milicianos estejam prontos para responder a qualquer eventualidade, e nas circunstâncias mais adversas. O instrutor põe-os à prova sem qualquer contemplação. Arrastam-se a «quatro patas», deslizam serpenteando através das plantas altas, giram sobre a poeira, correm pelo campo de treino calcinante, empunham fortemente as espingardas, deixam-se cair no chão logo que ouvem a voz de comando e tudo isto sem descansar.

O comandante de Mabote, o capitão João Casse, afirmou que em breve a área poderia contar com um contingente de valentes milicianos.

É esse o caso de Luísa Chissinga, de 23 anos. Alistou-se recentemente e, como é uma das poucas pessoas instruídas da região, foi designada secretária administrativa da milícia de Mabote. Ela quer «lutar e acabar com todos os bandidos que espalham o terror e a destruição na nossa região».

«Sinto verdadeiro ódio», acrescentou. «Dói-me o coração quando penso no que vi. Não me alistei por acaso. O meu próprio irmão foi assassinado pelos bandidos quando o carro em que viajava passou sobre uma mina.

«O que quero é uma arma. A que tenho aqui não me pertence. Quero uma arma para lutar e ajudar a aniquilar esses bandidos».

A RNM sabe que a milícia representa uma séria ameaça para as suas actividades. Por isso faz tudo o que está ao seu alcance para tentar que as pessoas, por medo, não se inscrevam. Isso significa que os membros das milícias e seus familiares são tratados de modo especialmente selvagem pela RNM. Quando são capturados, os milicianos são



Destruição em Chichongue

ATACAM OS DESPROTEGIDOS

submetidos a torturas brutais. Muitos camponeses foram assassinados por terem simplesmente um parente miliciano.

É claro que esta intimidação só gera mais ódio contra os bandidos.

► A DESTRUIÇÃO DE CHICHONGUE

A aldeia de Chichongue situa-se no meio de uma espessa mata brava, a norte da pequena cidade de Mabote, na província de Inhambane. A localidade fora vítima de uma ataque dos *blangueti*, cerca de uma semana antes da minha chegada a Mabote.

Espalhados pelo caniçal havia caldeiros de cozinha e outros utensílios domésticos, arruinados pelo fogo e retorcidos pelo calor.

A maioria das instalações, tais como armazéns e escolas, não estava ainda completa. Agora jazem em ruínas.

«As pessoas aqui», afirmou Simão Josias, «viram com os seus próprios olhos como se comportam os bandidos e querem vingar-se. Não compreendo como se pode descer tão baixo como esses bandidos. Não sei se os cérebros deles são iguais aos das pessoas normais, mas actuam como animais selvagens. Se encontrar algum neste momento, não sei o que lhe faço. Temos instruções para não matarmos os bandidos que aprisionamos. Mas no estado em que agora me encontro, tenho a certeza que não cumpriria essa ordem. Mataria esses degenerados».

► BANDIDOS CAPTURADOS

As Forças Populares de Libertação de Moçambique aprisionaram muitos membros dos bandos da RNM que actuam na província

de Inhambane. Outros entregaram-se voluntariamente.

Anuário Johanisse, um dos prisioneiros, teve problemas sentimentais na sua aldeia natal. Declarado culpado de ter seduzido a mulher de outro aldeão, o tribunal da aldeia aplicou-lhe uma multa de 2000 meticais. Como não possuía essa quantia, decidiu ir procurar trabalho na colheita de arroz de Chokwe, no vale do Limpopo, onde pensou que ganharia o suficiente para pagar a multa... Não aconteceu assim, e um dia acedeu ao recrutamento da RNM.

Johanisse afirmou que os dirigentes do seu bando «diziam-nos que todas as armas munições que utilizávamos vinham da África do Sul». Disse que periodicamente os aviões sul-africanos sobrevoavam a província de Manica para reabastecer os bandos ali existentes.

Segundo Johanisse, a RNM prometeu a seus membros que «no caso de ganharmos, podíamos escolher a terra e seríamos os chefes das nossas próprias áreas». A guerra, explicavam os bandidos, não era para «libertar» todo o país e os dirigentes do bando foram bastante explícitos quanto aos seus propósitos separatistas. Eles só queriam «a parte que pertencia aos nossos antepassados».

Johanisse foi posteriormente capturado quando se encontrava em missão de espionagem. Tinham-no enviado para espiar a situação militar da cidade de Mabote. «Quando cheguei ao posto de controlo de Mabote tentei que me deixassem passar. Os guardas pediram-me a identificação e descobriram que os meus documentos eram falsos. Interrogaram-me e contei-lhes tudo». ▲